

DA INIBIÇÃO, DO SINTOMA E DA ANGÚSTIA AO DESPERTAR DO SUJEITO DO DESEJO

FROM INHIBITION, FROM SYMPTOM, AND FROM ANGUISH TO THE AWAKENING OF THE SUBJECT OF DESIRE

DE LA INHIBICIÓN, DEL SINTOMA Y DE LA ANGUSTIA HASTA EL DESPERTAR DEL SUJET AL DESEO

*Carla de Abreu Machado Derzi**

RESUMO

A partir de um fragmento de caso, a clínica nodal de uma adolescente será tratada neste artigo tendo como referência o Seminário *R.S.I*, em que Lacan prescinde do Nome-do-Pai para amarrar os três registros da realidade psíquica. As nomeações imaginária, simbólica e real aparecem como modalidades de um quarto elo do nó borromeano, com a função de reparar os lapsos do nó. É por meio do fragmento desse caso que a nomeação aparece como enlaçamento dos três registros – imaginário, real, simbólico – por meio do trio freudiano, – inibição, sintoma e angústia –. Destaca-se que o sujeito possa inventar novas reparações para amarrar sua subjetividade, mediante sua singularidade. A escrita do nó borromeano direciona um tratamento no gozo, ilustrando, a partir do caso, a passagem da angústia como gozo para a angústia enquanto desejo, fazendo valer o objeto *a* enquanto objeto que causa, possibilitando, assim, nomear sua existência.

Palavras-chave: Nomeações. Inibição. Sintoma. Angústia. Nó borromeano.

ABSTRACT

The nodal clinic of an adolescent, from a fragment of a case, will be treated in this article, with reference to the R.S.I. Seminar where Lacan dispenses with the Name-of-the-Father to tie the three levels of psychic reality. The following nominations: imaginary, symbolic and real, appear as modalities of a fourth link in the Borromean knot, with the function of repairing the knot's lapses. It is through the fragment of this case that the nomination appears as an intertwining of the three records - imaginary, real, symbolic - through the feudian trio - inhibition, symptom and anguish -. It is noteworthy that the subject can invent new repairs to tie his subjectivity through his singularity The writing of the Borromean knot directs a treatment in jouissance, illustrating, from the case, the passage from anguish

Texto recebido em 23 de março de 2020 e aprovado para publicação em 14 de agosto de 2020.

* Doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris VIII - Vincennes-Saint-Denis (2009) e Mestre em Psicanálise pela Universidade de Paris VIII - Vincennes-Saint-Denis (2001). E-mail: carladerzi35@gmail.com

as jouissance to anguish as a desire, making of the object a an object that causes, making possible to name its existence.

Keywords: Nominations. Inhibition. Symptom. Anguish.

RESUMEM

A partir de un fragmento de un caso, la clínica nodal de una adolescente será tratada en este artículo con referencia al Seminario R.S.I donde Lacan prescinde del Nombre del Padre para vincular los tres registros de la realidad psíquica. Las nominaciones, imaginario, simbólico y real, aparecen como modalidades de un cuarto eslabón, en el nodo borromeo, con la función de reparar los lapsos del nodo. Mediante el fragmento de este caso es como la nominación aparece como un enlace entre los tres registros - imaginario, real, simbólico - a través del trío feudiano - inhibición, síntoma y angustia -. Es de notar que el sujeto puede inventar nuevas reparaciones para vincular su subjetividad a través de su singularidad. La escritura del nudo borromeo apunta a un tratamiento del goce, ilustrando, a partir del caso, el paso de la angustia como goce a la angustia como deseo, evidenciando el objeto a como objeto que causa, posibilitando de esta manera nombrar su existencia.

Palabras clave: Nominaciones. Inhibición. Síntoma. Angustia. Nudo borromeo.

1 DA INIBIÇÃO, DO SINTOMA E DA ANGÚSTIA AO DESPERTAR DO SUJEITO DO DESEJO

A inibição, o sintoma e a angústia estão presentes na escrita do nó borromeano e se manifestam no tratamento clínico. Lacan, no Seminário 22, R.S.I. (1974/1975) articula os três registros (real, simbólico e imaginário) com o nó, por meio do trio freudiano: inibição, sintoma e angústia. Desde Freud, essas manifestações clínicas do trio freudiano se diferenciam entre elas e, ao mesmo tempo, se apresentam entrelaçadas. Este trabalho recolherá assim as contribuições freudianas e lacanianas visando a esclarecer o funcionamento do sujeito em relação a essas três manifestações clínicas a fim de elucidar o direcionamento no tratamento psicanalítico.

No seminário *R.S.I* (1974/1975), Lacan propõe a possibilidade de prescindir do Nome-do-Pai, como uma amarração para os três registros da realidade psíquica, diferentemente da proposta freudiana, na qual o Nome-do-Pai era o elo do simbólico, imaginário e real. Capanema (2018) acrescenta que Lacan

conclui que não existe assim nó borromeano de três para o ser falante, há sempre uma falha no nó borromeano de três dimensões. Assim, são possíveis múltiplos enodamentos na estrutura do nó de quatro elos para amarrar os três registros da realidade. Como afirma Schejtman (2019, p.166): “Lacan faz da inibição, do sintoma ou da angústia, justamente, nomes do pai capazes de enodar de modo borromeano, como quartos elos, os três registros”. Os três enodam a estrutura do ser falante, tendo cada um deles uma função de enodamento, uma nomeação que enlaça o nó com os nomes. Prossegue Schejtman (2019, p. 168): “Assim, teremos três formas de nomeação - imaginária (a inibição), simbólica (o sintoma) e real (a angústia) -, três nomes do pai ou - três pais do nome - capazes de operar o enodamento borromeano dos registros”. Assim, as nomeações imaginária, simbólica, e real mantêm enlaçados os registros, R, S, I como função de reparação do lapso do nó.

Partindo desta teoria, este artigo visa pensar na construção de uma nova amarração em um caso de uma adolescente, numa aposta de que um quarto elo de nó pode ser uma invenção para cada ser falante. O Nome-do-pai sendo uma invenção singular passa a ser reduzido às funções de nomeações.

Lacan (1959-1960/1991, p.382) aponta o princípio de orientação para o tratamento psicanalítico nesta frase notável: “Proponho que a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo”. Se a direção ética do tratamento consiste em despertar o sujeito do desejo, caberá ao sujeito criar recursos psíquicos para sustentar seu desejo ao invés de soterrá-lo a partir da inibição, do sintoma ou da angústia. Como diz Rabinovich (2005, p. 74), “Inibição, sintoma e angústia são, portanto, três formas de não querer saber acerca do desejo do Outro, isto é, de não saber acerca do desejo do sujeito enquanto este é definido como desejo do Outro, como desejo de ser causa desse desejo”.

Sabe-se que o sujeito necessita do Outro para se constituir enquanto sujeito do desejo, o que expressa a frase de Lacan: “O desejo do homem é o desejo do Outro” (1962-1963/2004, p. 32).

Lacan faz uma subversão na frase de Hegel, “O desejo do homem é o desejo do outro”, frase inaugurada por Hegel, na Fenomenologia do Espírito (1962-1963/2004, p. 33). Lacan (1954-1955/1985, p. 70) não apenas extrai construções a partir desta frase, como também aponta diferenças teóricas com Hegel, indo mais além. No campo da psicanálise, esta frase de Hegel nos remete a constituição do eu na dimensão imaginária, pois é a partir da imagem do outro que minha unidade corporal é fundada. Entretanto, não há espaço para a coexistência dos dois, ou eu ou ele deterá a posse do objeto, instituindo um

paradoxo: devo destruí-lo, mas se o destruo perco meu suporte identificatório. Lacan (1998, p. 97) define a identificação especular, com sendo “a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem”.

Ele prossegue em sua construção teórica, alterando o outro para o Outro, destacando a função simbólica desse Outro. Dentre várias funções, destaco que se trata então de um Outro inconsciente e incompleto. Ou seja, o que faz falta ao sujeito e possibilita constituir seu desejo é que uma falha atravesse o Outro, permitindo que o sujeito se ofereça como causa de desejo no Outro. Lacan (1962-1963/2004) introduz que o Outro institui algo, o *a*, resto irreduzível da divisão do sujeito. Quando o *a* cai, o Outro simbólico se presentifica enquanto Outro incompleto, barrado e desejante, causando uma falta no sujeito, despertando o desejo no sujeito. Com as palavras de Lacan (1973/1988, p. 223): “é de ver funcionar toda uma cadeia no nível do desejo do Outro que o desejo do sujeito se constitui”. É importante ressaltar que o objeto *a*, este resto, presentifica uma falta a qual o simbólico não pode tamponar.

Este percurso que Lacan elabora a partir da frase de Hegel, enfatiza que este resíduo, o objeto *a*, pode colocar em movimento o desejo, mas pode também impedir esse movimento na medida em que aparece a dimensão do Outro enquanto real. A dimensão do Outro enquanto real se manifesta quando o objeto *a* se presentifica na cadeia de significantes e a falta. Quando a castração simbólica não está operando, a falta não se encontra presentificada, fazendo-se presente o objeto *a*. Neste caso, o objeto *a* manifesta o nada. Ou seja, é necessário enfatizar que o objeto *a* apresenta uma estrutura diferente da estrutura do significante. Ademais, quando a dimensão do real prevalece em detrimento da dimensão do simbólico, é o gozo que se instaura no lugar do desejo.

Podemos, assim, a partir deste percurso descrito, destacar na leitura lacaniana a presença de três registros (imaginário, simbólico e real). A primazia do imaginário na relação especular, embora seja importante ressaltar que no nó borromeano o imaginário não se apresenta pela relação especular, é um imaginário que faz corpo, dando consistência. “O imaginário é o sentido: ele tem como ponto de partida a referência ao corpo, mas não se trata do corpo como organismo tampouco apenas do corpo determinado pelo Outro ou numa relação especular com o semelhante. O imaginário estabelece sentido ao simbólico, aos significantes; é o efeito de escritura do simbólico”, como afirma Capanema (2018, p. 41). A primazia do simbólico diante do Outro barrado, o qual desperta o desejo do sujeito. No nó, o simbólico é o equívoco, equívoco fundamental entre o sujeito e língua, para além do sentido das palavras há um gozo no dizer (Capanema, 2018). E a primazia do real, causa do desejo, que no nó borromeano se destaca num lugar

ao qual sempre retorna, ao impossível ao qual o sujeito não tem acesso, sendo da ordem do inapreensível correlativo ao não todo (Capanema, 2018).

No nó borromeano, no que diz respeito ao ajuste do nó, está o objeto *a*, no qual se situa a área de tripla sobreposição do real, do simbólico e do imaginário, marcando a incompletude do ser falante, em que se escreve o lugar da falta. O objeto *a* é o cerne do gozo que se sustenta com o nó borromeano, é o inatingível gozo a mais (mais-de-gozar) (Vorcaro e Capanema, 2017). É pela sobreposição dos três registros que as movimentações entre as três manifestações clínicas (inibição, sintoma e angústia) acontecem. Deste modo, frente ao desejo do Outro, ou seja, frente à castração do Outro, o sujeito pode se esquivar pela via da inibição, sintoma e angústia. O desejo, enquanto ponto comum, permite imbricar estas três manifestações clínicas, permitindo elucidar os efeitos da mobilidade dessas movimentações na clínica.

Já na clínica nodal destaca-se mais o gozo do que o desejo, pois é possível localizar campos de ex-sistência de cada um dos registros em relação à consistência dos outros dois e a partir disso detectar o gozo fálico, o gozo do Outro e o objeto *a*, esse último, enquanto mais-de gozar. O gozo fálico entre o simbólico e o real, o gozo do Outro entre o real e o imaginário e o sentido entre o imaginário e o simbólico. O gozo do sentido localizado na junção do imaginário com o simbólico é um tamponamento, uma sutura do equívoco do buraco do simbólico, resultando em uma consistência imaginária à falta. Essa opacidade do sentido se deve à função de substituição da falta. Já o gozo fálico é o gozo derivado da castração, ou melhor, da angústia da castração diante da falta de saber diante do desejo do Outro. O sujeito inscreve-se na função fálica para se proteger da inexistência da relação sexual, acrescentando que o gozo fálico é o substituto possível do gozo impossível. Já o gozo Outro está fora do simbólico, não havendo mediação da palavra, estando alheio à função fálica, sendo assim, não todo fálico (Capanema, 2018).

Assim, quais são as funções destas três manifestações clínicas? Ou ainda, qual é a função do sintoma frente à angústia? De que forma o sujeito se defende da angústia na inibição? Quais são as relações entre sintoma, inibição e angústia? Como articular o trio freudiano, inibição, sintoma e angústia, às nomeações imaginária, simbólica e real?

Freud (1937/1975) afirma que o limite do tratamento psicanalítico do neurótico é a castração, quando diz que o rochedo da castração é inultrapassável e juntamente a isso, disserta que o objeto da angústia é a castração. Lacan (1962-1963/ 2004, p.25), ademais, afirma que “a angústia é sinal de desejo”. Assim, resta recolher os efeitos dessa discussão para operar na clínica através do seguinte

questionamento: De que maneira a angústia pode ser um recuo diante da castração e de que maneira ela caminha em direção aos trilhamentos do desejo? De que maneira a angústia está associada ao gozo do Outro? Operar com a angústia na clínica é fundamental, já que é um ponto preciso a ser transposto na análise.

2 INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA

Uma adolescente, de 17 anos, ao chegar ao consultório, diz: “É impossível namorar no mundo de hoje, escolhi ficar em casa conversando pela internet com meus amigos. Não quero mais sair com meus amigos e nem apresentar meus trabalhos em sala de aula”.

É a partir da demanda dessa paciente neste fragmento clínico que proponho articular estas três manifestações clínicas, “Inibição, Sintoma e Angústia”, apontadas e enlaçadas por Freud (1925-1926/1976). Desde então, é importante escutar que a paciente diz da sua dificuldade em estabelecer laço social, se isolando, entretanto, a demanda realizada ao psicanalista abre a possibilidade de estabelecer um laço transferencial. Há assim um paradoxo: a paciente sofre de um desenlace, mas ao mesmo tempo, abre a via para um laço analítico ao demandar um tratamento. Segundo Fingerhann (2015, p.7): “A psicanálise é uma experiência à qual se chega com o sofrimento do desenlace (com o corpo, o outro, a significação fantasmática) e que prossegue pela demanda que faz apelo ao outro – portanto, laço”.

Freud (1925-1926/1976, p. 109) denomina de inibição “a uma restrição normal de uma função”, afirmando que é “expressão de uma restrição de uma função do ego”. Essas limitações podem ocorrer nas funções de locomoção, de alimentação, de trabalho e sexuais. Ele prossegue: “o ego renuncia a essas funções a fim de não ter de adotar novas medidas de recalque – a fim de evitar um conflito com o id” e ou com o superego. Para Freud, como o eu não quer aborrecimentos e tenta evitar conflitos com a polícia do superego e com a violência do id, o eu faz uso da inibição. Assim, com as palavras de Henckel e Berlinck, 2003, p. 116): “Há um eu enfraquecido, pois a renúncia realizada requer dele a força da ação inibidora”.

O papel da inibição, segundo Freud, se deve ao abandono de uma função já que sua prática produziria angústia. Deste modo, a angústia ronda em torno de um ato inibido, ou seja, a inibição impede o desenvolvimento da angústia. Como afirma Assoun (2004, p.36): “Quer dizer que a angústia começa aqui onde o desenvolvimento da inibição não ocorre. É no limite quando a inibição

não pode mais estar simplesmente inibida que o sujeito pode fazer realmente o ato de angústia...”.

Freud (1926-1925/1976, p. 107) afirma que “uma inibição pode ser também um sintoma”, ou seja, uma inibição pode se tornar sintomática. Ou ainda, como afirma Lacan (1962-1963/2004, p. 19): “Estar impedido, é um sintoma. Estar inibido é um sintoma no museu”. Sendo assim, sintoma e inibição, embora sejam distintos, estão articulados.

A adolescente se apresenta com uma inibição sintomática. Na demanda da adolescente, há uma restrição da função do eu, produzindo uma parada no movimento, apontando uma impotência, entretanto não se encontra totalmente no museu, fora de circulação, já que a paciente traz seu sofrimento, fazendo um apelo ao analista. Daí, chamá-la de inibição sintomática.

Freud (1925-1926/1976, p. 112) define o sintoma como

um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de recalque. O recalque se processa a partir do ego quando este – pode ser por ordem do superego – se recusa a associar-se com uma catexia pulsional que foi provocada no id. O ego é capaz, por meio do recalque, de conservar a ideia de que é o veículo do impulso repreensível a partir do tornar-se inconsciente. A análise revela que a ideia amiúde persiste como uma formação inconsciente.

Na própria definição do sintoma de Freud, observa-se que no sintoma há um trabalho psíquico para uma formação inconsciente e o recalque é o processo psíquico desta formação. Já na inibição há um impedimento no movimento, um impedimento no trabalho psíquico. Daí a citação acima de Lacan, de que a inibição é o sintoma no museu, pois o que está no museu está fora de circulação, fora de trabalho, está posto de lado. A inibição não estabelece laço social, ou seja, não se articula em discurso, ao se tornar sintomática é que ela pode se enlaçar, instituir um laço social.

O sintoma apresenta uma função clínica diante da angústia. O sintoma possibilita evitar os tormentos da angústia, como afirma Assoun (2004, p.21): “Um sintoma é um verdadeiro prazer, se compararmos ao tormento da angústia”. O sintoma faz véu à angústia.

Qual é a função clínica dessa inibição sintomática da adolescente? Após algumas sessões, a própria paciente me responde que era para evitar angústia, quando diz: “Eu quero sair, mas não quero ver o Antônio com outra”. Como diz Freud (1925-1926/1976, p. 108): “Algumas inibições obviamente representam o abandono de uma função porque sua prática produziria angústia”. A adolescente mostra que a angústia é o sinal de desejo utilizado contra o desejo. A inibição

é uma defesa, assim a paciente encontra-se impedida, mas isso não se reduz exclusivamente a uma inibição, já que sua dimensão sintomática se presentifica pelo fato de que ela quer e não pode. Isso a incomoda, havendo aqui já um certo trabalho psíquico. Caso fosse apenas uma inibição pulsional em seu alvo, haveria falta de representante pulsional que impediria ao sujeito se fazer representar no campo do Outro. Por isso, que a falta de representante se manifesta como imobilidade no corpo. No caso da adolescente, ela relata um impedimento, entretanto ela entra no campo do Outro, mesmo sendo de forma precária. A entrada da paciente no campo do Outro é ratificada e corroborada pelo lugar sustentado pelo psicanalista na posição de sujeito suposto saber, instituindo o laço transferencial. Embora a transferência seja um laço ficcional, ela é essencial para o tratamento psicanalítico.

Miller (2002) relembra que não há Outro do Outro, ou seja, não há metalinguagem, entretanto, o Outro pode ser suposto. Isso significa a redução do Outro ao sujeito suposto saber. Segundo Miller (2002, p. 15): “O que é suposto não existe sozinho, depende daquilo que o supõe”. O autor prossegue mais adiante: “Cabe à análise fixar-se sobre o sujeito como suposto no que ele diz”. Sendo assim, se faz necessário o laço transferencial para o surgimento do tratamento analítico.

Vale ressaltar que a transferência instituída no processo analítico repousa em uma demanda de amor do paciente endereçada ao psicanalista. O amor de transferência implica a angústia, assim há uma relação estreita entre a angústia e o amor. Acrescentando com o aforismo lacaniano (1962-1963/2004, p. 209): “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”. Esta frase de Lacan ratifica que o amor transferencial busca o outro, o desejo do outro, pois o gozo é sempre auto-erótico. O gozo e o desejo apresentam estruturas diferentes. É somente o amor que possibilita o deslocamento do gozo em relação ao desejo do Outro. Miller (2005, p. 53) disserta que o gozo tem o corpo próprio como lugar ao passo que o desejo é em relação ao Outro. Lacan (1962-1963/2004) não aponta apenas o amor entre o gozo e o desejo, mas também a angústia entre os dois. Miller (2005) destaca a diferença entre o amor e a angústia, pois, segundo este autor, o amor é mediador enquanto a angústia não é mediadora, apenas mediana. Ele prossegue dizendo que o amor desloca o pequeno objeto *a* tornando-o objeto visado, *agalma*. A angústia pode operar, transformando o gozo em objeto causa de desejo. O amor da transferência é fundamental para o tratamento analítico, pois apesar de velar o horror do saber da castração, é através dele que alcançamos a falta, a castração, o desejo do Outro. Assim, o manejo da transferência consiste em subtrair o objeto *a* do Outro, descompletando-o, fragmentando-o, abalando assim, o todo narcísico.

Segundo Miller (2005, p. 54):

Lacan elabora e inclusive constrói a angústia como o operador que permite *Das Ding* tomar forma de objeto pequeno *a*. Isso não se encontra com todas as letras no Seminário. A angústia funciona nesse Seminário como um operador que produz objeto-causa. A angústia lacaniana é uma angústia produtiva.

Sendo assim, a partir da transferência, a angústia possibilitou o deslocamento do gozo, produzindo o objeto-causa de desejo. No decorrer do tratamento, a adolescente volta a sair com os amigos e relata sua vontade em ligar para Antônio, seu pretendente. Antes, era apenas Antônio que a procurava. Agora, ela já demonstra sua vontade em tomar iniciativa.

Torna-se necessário articular ainda a inibição sintomática e a angústia da adolescente com sua iniciação sexual. Cosenza (2009), referindo-se à adolescência, afirma que o processo do início da iniciação sexual apresenta dois tempos lógicos. O primeiro tempo se caracteriza pela existência da relação sexual, enquanto o segundo tempo se caracteriza pela inexistência da relação sexual que faz trauma para o adolescente. O primeiro tempo funciona como véu inconsciente do buraco da não relação do segundo tempo. É a tensão dos dois tempos, ou seja, fazer existir a relação (tempo do véu) com a inexistência da relação sexual (tempo do trauma) que estrutura a iniciação sexual da adolescente.

A adolescente se depara com a falta de um saber que conduza ao encontro harmonioso amoroso, depara-se com a inexistência da relação sexual. O despertar da adolescente é o despertar do real. A emergência do real denuncia que os registros não estão bem enodados entre si.

Para sustentar tal afirmação anterior, faz-se necessário esclarecer que o nó borromeano é constituído por três anéis (o simbólico, o imaginário e o real). Lacan (1974/1975) explica a importância equivalente dos três registros – real, simbólico, e imaginário – ao mesmo tempo em que se distinguem. Os registros estão reunidos por cruzamentos de tal maneira que se cortar um deles, os três se separam, sendo essa a propriedade borromeana. Cada um deles se relaciona com os outros dois de tal forma que nenhum se liga exclusivamente ao outro, estando sempre mediado por um terceiro. Sendo assim, a consistência do nó borromeano é o enodamento dos registros em um corpo furado. Observa-se que os anéis apresentam cruzamentos periféricos e nodais passando ora por cima e ora por baixo, por um sistema de dupla alternância.

Entretanto, retomo a ideia de que o nó borromeano de três elos perfeitamente trançados não existe, caracterizando-se como uma estrutura ideal para o sujeito. Essa estrutura é falhada, comportando os lapsos de nós, que precisarão de um quarto elo para que os três registros se mantenham atrelados borromeaneamente.

Retornando ao fragmento de caso, a emergência do real na adolescente denuncia que a estrutura se constitui falhada, denunciando os lapsos de nó e demandando a necessidade de um quarto elo para amarrar os três anéis. A inibição sintomática da adolescente possivelmente é uma resposta diante da tensão entre estes dois tempos (tempo do véu e tempo do trauma). Essa resposta cria um véu no buraco da não relação. Ela tenta fazer existir a relação sexual que não existe diante do encontro traumático. Provavelmente, o trauma da existência da não relação sexual foi o fator desencadeador da angústia, levando a adolescente a criar como resposta, a inibição sintomática. O trauma revela a existência de algo inassimilável pelo sujeito. Tanto a defesa inibitória como o encontro com o trauma estruturam a iniciação sexual da adolescente. Talvez a inibição sintomática tenha tido uma função clínica para que o trauma pudesse ser subjetivável, permitindo-lhe entrar na iniciação sexual. Ela ainda acrescenta diante da possibilidade de ligar para Antônio: “Sinto dor no corpo por causa dele”. A angústia aparece diante do desejo do Outro, do enigma do desejo do Outro. Lacan (1962-1963/2004) indica a relação essencial da angústia ao desejo do Outro. A paciente não sabe mais qual é o lugar (objeto *a*) que ela ocupa no desejo do Outro (Antônio). Além disso, a dimensão corporal na angústia está presente. Na angústia, o corpo é invadido por um gozo. A angústia é a bússola da castração e por isso é também a bússola do desejo. Há um real do gozo presente no corpo que o simbólico não alcança tratar. No nó borromeano a angústia é uma manifestação que está entre o real e o imaginário. Uma abertura do registro do real, um transbordamento do real sobre o imaginário. A inibição como uma detenção produzida pela intrusão do imaginário no simbólico e o sintoma como efeito do simbólico no real (Schejtman, 2019). Lacan entende a angústia como uma ameaça da presença desse objeto, remetendo ao gozo materno, ao gozo do Outro, não permitindo a função da falta.

Segundo Lacan (1962/2004, p. 67):

A angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta. (...) Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. (...) A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta.

O gozo do Outro é o gozo do corpo na topologia borromeana, já que é não todo fálico, fora da linguagem. Essa presença do interior do corpo que a angústia faz emergir irrompe do real do corpo sobre a imagem narcísica.

Os três termos, inibição, sintoma e angústia, perpassam a experiência analítica dessa adolescente, presentes em diferentes tempos da análise. A operação analítica possibilitou à adolescente se desvencilhar da inibição sintomática para se estruturar subjetivamente frente ao real. Ela se desprende de um lugar para se amarrar em outro, em uma outra posição subjetiva, uma posição como sujeito propriamente dito, ou seja, uma posição de sujeito desejante, já que ela cerniu um pedaço do real imerso pela angústia o que lhe possibilitou fazer laço com o Outro.

A condução do tratamento possibilita pensar que a análise permitiu à adolescente desfazer-se da inibição sintomática, deixar de sonhar, possibilitando-lhe o despertar do real. A função do analista, pela via da transferência, é dosificar essa angústia, propiciando que a adolescente invente sua resposta singular para o enodamento subjetivo e o despertar do desejo. O laço transferencial é motor para um enodamento, para uma nova amarração com o Outro. Como afirma Lacan (1962-1963/2004, p. 390): “O que faz de uma psicanálise uma aventura única é a procura do *agalma* no campo do Outro”.

3 O NÓ BORROMEANO

É relevante destacar que o desenlace dessa adolescente não a destruiu subjetivamente, mesmo antes dela buscar um tratamento psicanalítico. Isso se deve ao fato de que essa adolescente se encontra agarrada ao laço edipiano, e este laço edipiano serve de operador para a estrutura da subjetividade. O Édipo opera com a metáfora paterna, possibilitando o ponto de basta. Ao se referir ao ponto de basta, Lacan (1956/2002, p. 303) afirma:

Em torno desse significante, tudo se irradia e tudo se organiza, como nessas linhazinhas de força formada à superfície de uma trama pelo ponto de basta. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso.

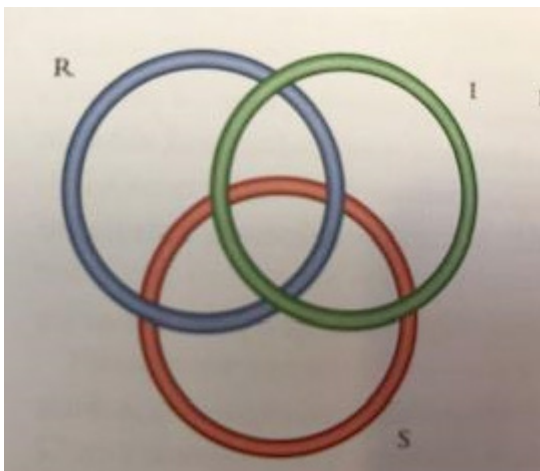
Lacan, em seu “Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958/1999)” e em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1998)” faz do pai, uma metáfora paterna. Ele disserta sobre a ordenação do mundo simbólico, afirmando que a amarração entre o significante e o significado, produz nova significação: essa é a operação da metáfora paterna, o Nome-do-Pai. O Nome-do-pai é o ponto de basta neste momento do ensino de Lacan.

O ponto de basta que foi desenvolvido no seminário *As psicoses* (1955-1956/1992) é momento em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Diante disso, podemos entender o nó do ponto de basta como o nó

borromeano? Inicialmente, a metáfora paterna amarra os registros, submetendo-os ao simbólico, já que é o efeito da operação significante que possibilita a amarração do simbólico ao imaginário. Menicucci (2008) afirma que a lógica da metáfora, ao contrário do nó borromeano, pressupõe uma hierarquia entre os registros (é o efeito da operação significante que possibilita a valorização do simbólico perante os outros registros) e a principal característica do nó borromeano é a articulação dos três registros (simbólico, imaginário e real). Como dizem Capanema e Vorcaro (2017, p. 390): “Desta maneira, ao falar em equivalência entre os registros, Lacan não os toma como iguais. todos são distintos entre si e é na medida em que são diferentes, heterogêneos, que fazem Um, que fazem o nó borromeano”. Acrescento, além disso, o nó não é uma metáfora e nem uma representação do real, é uma escritura do real.

Menicucci (2008) prossegue afirmando, entretanto, que não podemos eliminar o efeito de gozo da operação da metáfora paterna, pois a metáfora tem uma incidência sobre o gozo, sobre o real. A partir daí, pode-se deduzir que há os três registros na metáfora paterna, mas há uma valorização do simbólico em relação aos outros dois neste momento do ensino de Lacan. Sendo assim, há um nó deduzido do ponto de basta que nos conduz ao nó borromeano, no entanto, retomo a ideia de que, nesse último, não se trata de uma representação. O que é importante de ser destacado é que, desde o primeiro ensino de Lacan, ele realça a função da amarração necessária para que o sujeito se sustente no mundo simbólico (Figura I).

Figura I



O nó borromeano (Lacan, 1975-1976/2005, p. 20).

Lacan, ao se referir ao nó borromeano, afirma que os três registros (imaginário, simbólico e real) estão soltos e o que os enlaça é o complexo de Édipo, o Nome-do-Pai. Essa amarração, complexo de Édipo, é necessária para a constituição das

neuroses, estruturante para a neurose. Em toda a sua vida psíquica, o sujeito falante se depara com essa disjunção, com essas falhas. Será que essa amarração produzida pela metáfora paterna, pelo ponto de basta configura a mesma amarração do nó borromeano? No evoluir do ensino de Lacan, a metáfora paterna não basta para amarrar o nó. Lacan considera a precariedade paterna para estabelecer essa função, mostrando a necessidade de o próprio sujeito inventar uma suplência ao Nome-do-Pai. Segundo Lacan (1974/1975, em 11/02/75),

não é por nada que chamara isso de “Os Nomes do Pai” e não o Nome do Pai, eu tinha algumas ideias da suplência que o campo toma, o discurso analítico que faz com que essa estreia, por Freud, dos Nomes do Pai, é porque essa suplência é indispensável que ela tem vez: nosso imaginário, nosso simbólico e nosso real estão talvez para cada um de nós ainda num estado de suficiente dissociação para que só o Nome do Pai faça nó borromeano e mantenha tudo isso junto, faça nó a partir do simbólico, do imaginário e do real.

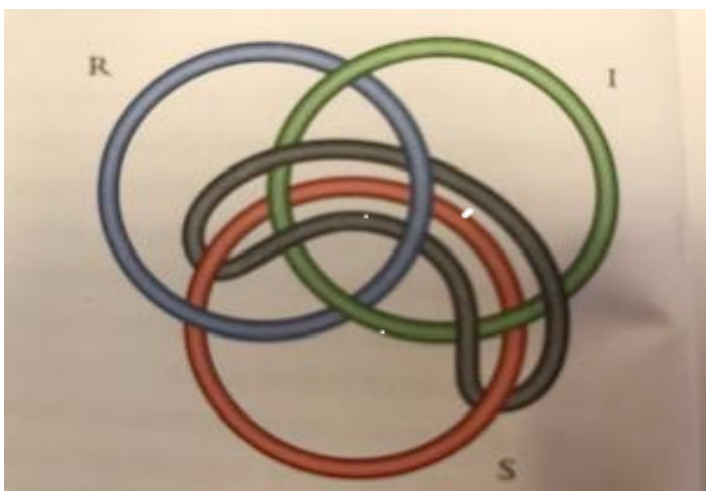
Entretanto, mesmo a estrutura neurótica do ser falante é falha e na perspectiva clínica, Lacan tomou cada um desses fenômenos clínicos, inibição, sintoma e angústia como nomeações que vêm reparar as falhas no nó. Para que aquela estrutura se sustente, é necessário um quarto círculo que amarre os três outros borromeamente, já que Lacan prescinde da nomeação paterna na tentativa de abordar as estruturas pelas nomeações. O quarto círculo seria os nomes do pai, o nome do nome do nome, as nomeações. A concepção lacaniana da função paterna sofre modificação: do Nome-do-Pai ao pai como nomeante, ou seja, em sua função de dar nome às coisas. Regnault (1997) explica que quando dizemos “O Nome-do-Pai” devemos escutar tanto como um genitivo subjetivo, os nomes recebidos de Deus, bem como um genitivo objetivo, os nomes que um pai dá as suas crianças, aos seus filhos. Assim, o Nome-do-Pai torna-se um significante insólito, incerto, aderido a uma crença, através de uma transcendência de fé. O Nome-do-Pai passa a estar articulado ao furo, ao buraco do simbólico. Esse é o motivo pelo qual Lacan o pluraliza em Nomes-do-pai, pois não existe um sozinho, mas um entre outros. O pai como nome está associado à falta de representação, a um puro semblante que tem como função velar o buraco. O pai como Nome é sem Nome e por isso é preciso um nome próprio: esse é o Nome do Nome do Nome, enfim, um nome sintomático que o sujeito inventa, um novo reenlace do nó borromeano (Capanema, 2018). Como afirma Capanema (2018, p. 118),

o Nome do Nome do Nome depende da articulação com o nó borromeano. Se Real, Simbólico e Imaginário são os primeiros nomes do pai, são, no entanto, equivalentes e dependem do quarto anel para serem diferenciados, para dar-lhes um sentido a partir da combinação entre seus pares. O quarto anel é o Nome do Nome do Nome, é o que diferencia Real, Imaginário e Simbólico, é o pai como nome, nome inominável, cujo turbilhão cospe as nomeações Real, Simbólica e Imaginária.

O quarto anel torna-se indispensável para introduzir a dissimetria e as diferenças entre os registros, pois de três consistências nunca se sabe qual é Real. A nomenclatura abre espaço para as pluralizações dos Nomes-do-Pai, ela se pluraliza em Nomes-do-Pai nomeantes (Capanema, 2018).

As falhas testemunham que a relação sexual não existe, pois há sempre algo que não funciona tão bem. As falhas também testemunham a precariedade da metáfora paterna no último ensino de Lacan, levando o sujeito a construir uma nomenclatura capaz de sustentar a função borromeana do nó, ou seja, uma maneira de sustentar a precariedade da função do pai. A nomenclatura é um ir além do Nome-do-Pai, mesmo que algo do Pai esteja presente na nomeação, já que esta também pode provir do Imaginário e do Real e não apenas do simbólico. O fragmento de caso clínico evidencia o quarto nó com a função de nomenclatura para articular os registros, a nomenclatura amarra, possibilitando um enlaçamento necessário para reparar as falhas. É necessário que essa adolescente faça reparações em seu nó borromeano de acordo com os recursos dispostos em sua estrutura a fim de circunscrever seu modo de gozo. As nomenclaturas manteriam a realidade psíquica enlaçada, exatamente o quarto nó. É essa aceitação do nome próprio que permite Lacan fundar uma teoria de nome próprio do gozo, o gozo singulariza o sujeito para além da estrutura clínica, evidenciando o modo singular de gozo. É a relação do sujeito ao objeto *a* que permite nomear, de forma singular, a falta a ser do sujeito (Capanema, Fajnwaks, Vorcaro, 2018). Daí Lacan (1974-1975, 15/04/75) afirmar, “o que só quer dizer o pai enquanto nome, não quer dizer nada de início, não só o pai como nome, mas o pai como nomeador”. O quarto termo é importante assim, para não se perder o enodamento borromeano (Figura II).

Figura II



O nó borromeano com o quarto nó (Lacan, 1975-1976/2005 p. 20).

Com pensar o nó?

O nó, se ele não é uma representação, uma ideia da estrutura, efetivamente não tem que ser pensado, mas manipulado..... Manipular o nó – operar com ele – não é jogar mentalmente ou triturar os barbantes que podem concretamente presentificá-lo na realidade sensível. Manipular o nó se deduz dessa definição: uma escritura que suporta o real (Castanet, 2013, p. 119).

Esse autor acrescenta que o nó não permite nenhuma ultrapassagem, ele não inaugura nenhum além. O uso do nó rejeita as hipóteses e as ideias. O nó borromeano é uma demonstração do real, uma mostraçãõ, a característica do nó é escapar a uma representação. Como afirma Lacan (1974-1975, p. 61):

O inconsciente é o real, enquanto no falasser, ele é afligido pela única coisa que, do buraco, nos assegura, é o que chamo o simbólico, encarnando-o no significante cuja definição, no final das contas, não é outra senão essa, o buraco. O significante faz buraco.

Observa-se que a inibição, sintoma e angústia são elevados à categoria do quarto anel: Nomes-do-Pai, redobrando cada um dos registros, podendo enlaçar-se de modo borromeano. A inibição nomeia o imaginário, o sintoma nomeia o simbólico, e a angústia nomeia o real.

A falha do nó na adolescente ocorre entre o simbólico e o real, real (re) atualizado pelo encontro com o Outro sexo. Esse real, um traumatismo, denuncia a precariedade do pai. Esse transbordamento do Real sobre o Imaginário aparece não como uma nominação que enoda, mas sim como algo que desenlaça. A inibição sintomática da adolescente foi uma resposta frente à angústia, frente à angústia da castração do Outro, uma estabilização possível. Esse núcleo do real que exhibe que algo escapou do controle, presentifica que o inconsciente é impossível de ser demonstrado completamente. Ele é real. Devido a isso, essa inibição tornou-se impedimento, produzindo como o sentido, um sintoma, uma demanda de tratamento. A adolescente resolveu ultrapassar esse limiar na medida em que procura um tratamento. A inibição como nominação do imaginário interveio no simbólico. Retomo a ideia de que a transferência analítica permitiu que a paciente passasse de um significante a outro, desdobrando a cadeia de significantes através da rememoração e da recordação e, ao desdobrar e deslocar de lugar, a paciente se depara com o furo, pois o registro do real entra no nó borromeano pelo sintoma. De outra maneira agora! No percurso de uma análise, a posição do analista, como sujeito suposto saber, permitiu a restauração da fantasia, fantasia enquanto resposta do sujeito frente ao enigma do desejo do Outro, que tinha vacilado frente à falta de resposta do Outro (Antônio). Será que a restauração desta fantasia na análise pode servir de quarto elo para amarrar

os registros? Como isso ocorreu? A paciente ao relatar sobre a relação amorosa do pai e da mãe, diz do pai como um homem que deseja a mãe e a mãe como uma mulher fálica, aquela que sustenta financeiramente e organiza a casa.

Quando o desejo de mulher na mãe é questionado pela analista, a mãe deixa de servir apenas de suporte fálico para a paciente e a feminilidade, que, até então, se encontrava escamoteada se presentifica. Essa intervenção possibilita a abertura de sua feminilidade enlaçando o real que estava solto com o simbólico. Este enlaçamento é o quarto nó. É a possibilidade do remendo construído pela paciente no percurso da análise que permitiu a paciente desejar, permitiu o despertar do sujeito do desejo, e não ser apenas objeto do desejo do Outro. Assim sendo, é pelo suporte identificatório com a mãe que o feminino pode aparecer, ou seja, o simbólico se amarra ao real. O real aparece, mas articulado com a contingência do falo. A mulher, ela é não-toda, ou seja, está em relação ao falo, mas também está além do falo. Essa amarração com o falo, enquanto contingente, permite que as dores no peito esvaeçam, já que o real se encontra enlaçado com o simbólico agora. Esse enodamento não permite deixá-la mais devastada pelo real. A paciente tinha se defendido do real do feminino com o semblante fálico da mãe. Ela também era ótima aluna, tal qual a mãe era ótima profissional. A partir daí, ela se nomeou, no percurso da análise, que era “xerox da mãe” e que precisava “ser namorada”. Esta é uma nomeação construída sob transferência.

Com esta amarração, ocorre o despertar do sujeito e a construção de uma nomeação passível de sustentar o nó. A nomeação permitiu a passagem da angústia gozo para a angústia desejo. A adolescente por meio da nomeação do objeto que a causa fez uma operação, fazendo valer o objeto *a* enquanto caído, para despertar o desejo, permitindo assim um tratamento do gozo. Diferentemente de outrora, momento em que as dores do corpo e a presença da angústia denunciavam a presença do transbordamento do real sobre o imaginário, evidenciando objeto *a* enquanto presente.

Observa-se que a inibição, o sintoma e a angústia são três modalidades de respostas do sujeito a este acontecimento de corpo (dor no corpo) que tem lugar no corpo. O tratamento da adolescente permitiu de forma singular que ela se deslocasse desse desatamento do nó em direção a uma nomeação que amarrasse sua subjetividade.

Concluo com as palavras de Fajnwaks (2016): “Os adolescentes já são lacanianos hoje, quer dizer, com seus sintomas, fazem um chamado à nomeação”. Os adolescentes nos ensinam, a nós psicanalistas, que precisamos ir além do domínio do Édipo e alcançar a nomeação para sustentar a clínica com os jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assoun, P.L. (2004). *Leçons psychanalytiques sur l'Angoisse*. Paris: Anthropos.
- Capanema, C. (2018). Enlaces e desenlaces na adolescência. Belo Horizonte: Scriptum.
- Capanema & Fajnwaks & Vorcaro (2018). As nomeações na clínica nodal de adolescentes. *Tempo Psicanalítico*, v. 50.1, 99-124. Acessível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v50n1a06.pdf>.
- Capanema & Vorcaro (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos da Clínica*, v. 22, n. 2, 388-405. Acessível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000200011
- Castanet, H. (2013). *Comprendre Lacan*. Paris, France: Max Milo.
- Cosenza, D. (2009). Initiation dans l'adolescence: entre mythe et structure. Quel avenir pour l'adolescence? *Mental*, 23, 46-50.
- hiohio, N. S. (2013) *Seminários: Inibição, sintoma e angústia: uma clínica nodal das neuroses*. Recife, PE: Salvador.
- Fajnwaks, F. (2016). Entrevista Fabian Fajnwaks. *Minas com Lacan*. <http://minascomlacan.com.br/entrevista-fabian-fajnwaks/>. Acessado em 04/11/2018.
- Fingermann, D. (2015). Laços e desenlaces: reviravoltas na clínica psicanalítica. *Stylus*, 31, 71-86.
- Freud, S. (1976). *Inibição, sintoma e angústia*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XX, p. 107-200). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1925-1926).
- Freud, S. (1975). *Análise terminável e interminável*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII, p. 239-287) Rio de Janeiro, Imago. (Texto original publicado em 1937)
- Henckel & Berlinck. (2003). Considerações sobre inibição e sintoma: distinções e articulações para destacar um conceito do Outro. *Estilos da Clínica*, 8(14), 114-125.
- Lacan, J. (1998a) O estádio do espelho como formador da função do eu. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (p. 96-103).(Texto original publicado em 1949).

- Lacan, J. (1985). O seminário: Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Texto original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (1992). O Seminário: livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1998b) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1999) O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1991). O seminário, livro 7: A ética da psicanálise. (A.Quinet, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.(Texto original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J.(2004). Le séminaire, livre 10: L'angoisse. Paris, France: Seuil. (Texto original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (1974-1975). O seminário, livro 22: RSI. Inédito.
- Lacan, J. (2005). O Seminário: Livro 23: Le sinthome. Paris, France: Seuil. (Texto original publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (1988). O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1973).
- Menicucci, J (2008). A metáfora delirante na clínica das psicoses: limites, impasses e paradoxos. *Dissertação de mestrado*. Programa de pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Miller, J. A. (2002). A ex-sistência. *Opção lacaniana*, 33, 8-21.
- Miller, J.A. (2005). Aquém do desejo. *Opção lacaniana*,43, 46-59.
- Rabinovich, D (2005). *A angústia e o desejo do outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Regnault. F. (1997). O Nome do Pai. Feldstein et al. Para ler o Seminário 11 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Schetjtman, F. (2019). *Sinthome, ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Olivos: Grama Ediciones.